

# **SÃO PEDRO DE CALDAS:**

## **UM CORPO SOCIORELIGIOSO DE PASSAGENS E ENCONTROS**

Isaias Gabriel Franco  
Graduando do Curso de História – UFOP  
E-mail: isaiasgabrielfranco@hotmail.com

### **Resumo:**

A história do distrito de São Pedro de Caldas, integrante do município de Caldas, estado de Minas Gerais, pode ser remetida a meados do século XVIII, quando a região era percorrida por levadas de tropeiros, na ligação entre as primeiras vilas do sul mineiro. Nesta época, a transitoriedade caracterizava a ocupação do território, que, contudo, foi paulatinamente, sendo tomado por fazendas, dedicadas ao abastecimento agropastoril da região. Na década de 1940, as comunidades residentes nas proximidades empenharam-se na criação de um pequeno núcleo urbano, tornado distrito nos anos seguintes. Nesta comunicação, visa-se interpretar como relatos de moradores – numa produção textual de cunho memorial – viabilizaram um auto-reconhecimento identitário deste distrito. Sugere-se, como hipótese, que, para tanto, essas narrativas destacaram um duplo aspecto: 1) que a constituição do distrito foi viabilizada não somente por fatores econômicos (a doação de parcela do terreno de uma fazenda para criação da vila), mas também ético-sociais, mais especificamente filantrópicos (a fundação de um polo jurídico e administrativo mais próximo aos centros de atendimento médico no sul de Minas, já que antes da fundação da vila, os doentes deveriam viajar mais de um dia em carro de boi para obter tratamento); 2) a representação simbólica do distrito como um espaço de confluências e de encontros, propiciados prioritariamente pela fé e por distintas vivências católicas – uma dimensão sócio-simbólica que se via, inclusive, capaz de produzir novas significações. A proposta de inclusão desta pesquisa, promovida como projeto de iniciação científica no curso de História da UFOP, no II Colóquio Interfaces, deveu-se tanto à perspectiva interdisciplinar (entrecruzando religiosidade, historicidade e literatura memorial) que a mesma adota, como ao entendimento de que o distrito de São Pedro de Caldas, nas narrativas de seus habitantes, possibilita uma analogia da cidade com o imaginário do corpo (enraizado, para Simone Weil; simbólico, para Ítalo Calvino).

**Palavras-chave:** Corpo, Identidade, Catolicismo, São Pedro de Caldas.

### **Introdução**

O povoamento da região onde fica o atual distrito de São Pedro de Caldas, situado na cidade de Caldas, estado de Minas Gerais, começou ao final do século XVIII, provavelmente em 1795. Neste ano foi construída a sede de uma fazenda “à margem esquerda do Rio Capivari, antes da Cachoeira da Rapadura”. Estar na confluência de caminhos assegurou rentabilidade do latifúndio, de propriedade de Manoel Inácio Franco, logo alçado a importante entreposto de escoamento da produção agropastoril

local (FRANCO, 1995, p. 14-22). Já no início da década de 1940, um dos herdeiros Manoel Inácio, Virgílio Ferreira Franco, doou um alqueire de suas terras, em um lugar conhecido como “cerrado”, localizado no altiplano da Serra dos Matos, para que ali fosse edificada uma vila (s.a., Caldas, 1978). A nova comunidade teria como padroeiro o apóstolo São Pedro, santo de devoção de Virgílio. Daquela data até hoje, o distrito manteve-se em crescimento socioeconômico. Segundo dados do IBGE, referentes ao censo de 2010, o município contabilizava 13.630 habitantes, sendo que 1.459 residiam no distrito (e, destes, apenas aproximadamente apenas 500 moradores na área urbana) (IBGE, 2010).

Mas possuir cerca de 1.500 moradores, a maioria residindo em áreas completamente rurais, não favoreceu ao distrito de São Pedro de Caldas vir a formular uma reconstituição de sua trajetória histórica, embora circulem alguns relatos, impressos em jornais locais, descrevendo as memórias dos moradores. Assim, por ter residido neste distrito até o término do ensino médio e, atualmente, estar concluindo o curso de Graduação em História, optei por proceder a este estudo, que entrecruza memórias vividas, conhecimento científico e desejo de proceder a alguma contribuição, ao término do curso de História, à localidade em que nasci e cresci.

Conheci, assim, a coletar dados, a transcrever “causos” e, neste processo, fui percebendo que os moradores de Caldas privilegiam, em seus relatos, marcos simbólico-culturais distintos do poder político ou econômico, como costumeiramente ocorre nos discursos memorialísticos. Para eles, perdura uma forte identificação e afinidade entre suas vidas pessoais, suas subjetividades, e a configuração social e simbólica do distrito. Cogitei, então, que poderia tentar interpretar o distrito de São Pedro de Caldas sob a metáfora de um “corpo”, ou seja, uma entidade simultaneamente dotada de contornos unificados (é uma instância político-administrativa própria, uma comunidade religiosa católica própria etc.) e desdobrada nas práticas e nas sensibilidades de cada habitante, o que lhe atribui uma extensão efetivamente incomensurável. Nesta imbricação entre práticas sociohistórias, intersubjetividades e produção de memórias e simbologias, emerge então, de minhas leituras, a citação de Ítalo Calvino acerca das cidades:

É uma cidade igual a um sonho: tudo que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam

absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa (CALVINO, 1991).

De forma concomitante, recordo-me de um texto da filósofa Simone Weil, que tinha lido na graduação, acerca do “enraizamento”. Trata-se de um ensaio que ela escreveu em 1943, pouco antes de falecer, em plena Segunda Guerra Mundial. Nesse escrito, ela afirma:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente (WEIL, 2008).

Este texto pareceu-me traduzir basilarmente a relação que os moradores da região mantém com o distrito de São Pedro de Caldas: um enraizamento, sendo o distrito a base a partir da qual elaboram suas vivências pessoais e sociais e, ao mesmo tempo, contribuem para uma atualização constante do próprio distrito.

Com base nessa fundamentação metafórico-conceitual, teci então a hipótese de que a dimensão religiosa é a fonte de enraizamento mais potente do distrito de São Pedro de Caldas. Esta comunicação irá aprofundar tais vínculos, bem como as tensões inerentes ao enraizamento dos moradores com o distrito a partir da fé, numa composição muito peculiar da localidade e de si como um “corpo”.

## **1 Encontros em nome da fé**

As festividades de fundação do distrito de São Pedro de Caldas ocorreram em 19 de abril de 1941:

O vigário convida o povo do bairro dos Matos, bem como dos Campos, da zona do Rio Pardo e de todos os bairros circunvizinhos para as grandes festas a serem realizadas no local da futura povoação cujo padroeiro será o grande apóstolo São Pedro. [...] No dia 19, às 8:30, chegará o nosso operoso prefeito, Dr. Uriel de Resende Alvim, com uma grande comitiva.[...] Após a missa, bênção do cruzeiro, que será conduzido pelo povo ao local da futura vila, em procissão [...] Ao plantar o cruzeiro o vigário usará a palavra, fazendo um discurso de saudação [...].(Informativo da Escola Estadual José Franco, 1995, p.1)

Outro periódico, por sua vez, relata: “sob o signo da santa cruz, nascia, aos acordes marciais da Banda Cruzeiro do Sul, regida pelo Maestro José Monteiro, e sob o espoucar de foguetes, a Vila de São Pedro de Caldas – sonho de uma geração de pioneiros” (s.a., A Comarca, 1978).

Não obstante, a despeito do tom entusiasta desses eventos, há indícios de que a proposta da criação da vila suscitou hesitações:

Quando o Sr. Virgílio Ferreira Franco chegou na fazenda do meu pai, Oscar José Franco [irmão de Virgílio], para informar sobre a construção da igreja e também convidá-lo para fazer parte da comissão, meu pai ficou muito satisfeito, mas indeciso, pois o Sr. Virgílio tinha muitas ideias que às vezes não se concretizavam. Diziam que ele era um ‘sonhador’. (Projeto pedagógico GDP – Patrimônio, 2008).

A moradora Luiza dos Santos Franco acrescentou que Virgílio ficara conhecido na região por suas ideias inovadoras e até inusitadas: ao longo de sua vida, ele montara uma olaria, criara bichos-da-seda e rebanho de cabras, além de ter apostado na rentabilidade da lavoura de amendoim. Mesmo assim, apesar dos riscos, prossegue o primeiro depoente, “[...] meu pai concordou e junto com Sebastião Gomes da Silva, carreiro, eu também carreiro, fomos companheiros desde a primeira pedra que foi colocada no carro de boi. As pedras e tijolos eram para a construção da igreja e de um barracão de madeira, coberto de sapé” (Projeto pedagógico GDP – Patrimônio, 2008).

A partir daí, foram constituídos mutirões, a começar pelo propósito de edificação da Igreja Matriz:

E, dando sequência à formação da vila, logo veio a construção da igreja. A comissão, comandada pelo então Oscar José Franco, convocou todos os fazendeiros, sitiantes que tinham carros de boi para carregamentos de tijolos, madeiras para andaimes e para travamento das paredes da igreja, em construção, tudo de uma só vez [...] o que foi muito bonito (FRANCO, 2007, p. 2).

E embora muitos ajudassem na construção da Igreja Matriz, alguns nomes ficaram particularmente gravados na memória local, como Beto Gomes, José Camargo, João Alfredo (Projeto pedagógico GDP – Patrimônio, 2008, p. 2).

Como explicar essa adesão coletiva ao projeto de construção da vila, principalmente por parte das lideranças locais? Cabe sugerir que a dimensão religiosa exerceu um papel proeminente neste processo. Não é casual que tenha sido dada prioridade à ereção do cruzeiro e da igreja-matriz), mantém-se importante até a atualidade, ainda que o distrito abrigue imponentes fazendas: “Hoje... sempre que passo

em frente à Igreja, tiro o chapéu, faço o sinal da cruz e me recordo daquele tempo em que havia somente ‘mato’ ao redor daquela construção que se tornou o nosso patrimônio mais importante...” (Projeto pedagógico GDP – Patrimônio, 2008, p. 2).

É interessante observar-se que a construção na igreja não foi concluída com a ereção do templo arquitetônico – ela se propaga a cada festividade, a cada rito solene, a cada encontro mesclando rezas e folguedos. Assim, a Vila se recriava nas semanas santas, nas Folias de Reis, nas procissões, nos terços, nos bingos e nas quermesses... Em paralelo, capelas e cruzeiros de beira de estrada desdobravam a presença do divino, remetendo também ao pólo central da celebração da fé, situado na Matriz:

Dando sequência nas histórias de São Pedro, não poderia deixar de falar daquela “igrejinha velha” abandonada, lá no pasto do “buracão” à beira da estrada antiga e abandonada, na ligação das cidades de Caldas e Campestre [...] Pois bem, há algum século atrás, houve naquele local uma fatalidade que segundo as pessoas da época, uma mulher e duas crianças morreram naquele lugar atingidos por uma fálscia de um raio. Eram pessoas que moravam no bairro dos “Emboabas” [...] Segundo as pessoas da região, o corpo da mulher e das duas crianças foram enterrados ali [...] No local foram levantadas três cruzeiros e uma cobertura feita de madeira e coberta com telhas comuns que mais tarde serviam de abrigo aos viajantes que por ali trafegavam entre Caldas e Campestre, até mesmo os agentes dos Correios vindos das duas cidades lá paravam para fazer suas preces. [...] No final dos anos sessenta, o Sr. Orozimbo Ferreira da Silva, me disse que queria cumprir uma promessa, fazendo uma igrejinha por menor que fosse naquele local (FRANCO, 2007b, p.1 ).

## **2 Passagens de inspiração ético-social**

Permanece, porém, a indagação: por que tal relevância ao religioso, nas memórias acerca do distrito? Considera-se que tal faceta encontra-se intimamente associada, na localidade, à valorização da filantropia, que alavancou, segundo os relatos dos moradores, a própria fundação da vila. Assim, segundo Luiza dos Santos Franco, quando as pessoas perguntavam a Virgílio o que o inspirara à doação do terreno, ele respondia que o município de Caldas era muito desprovido de recursos para tratamento dos doentes, e todas as vezes que alguma transferência fosse necessária, a pessoa teria de suportar um dia em carro de boi para chegar à cidade mais próxima, a fim de obter atendimento médico. O distrito apresentou-se como um ponto a meio do caminho. Em paralelo, as práticas caritativas da região, para além dos socorros no campo da saúde, eram geralmente mediadas por associações devocionais.

Este apoio mútuo, essas sociabilidades de motivação ético-religiosa foram fundamentais para que a população local mantivesse com o lugarejo fortes vínculos

afetivos. E foram várias as expressões deste compartilhamento do reconhecimento mútuo no plano da fé cristã, da luta diária pela sobrevivência, do desejo de um futuro melhor para as próximas gerações, como mencionado por uma moradora e transcrito em um dos registros das memórias locais:

Esta casa, também continua com tradição de ser sempre movimentada com nossos parentes e amigos por ocasião das festas de São Pedro. Era muito gostoso, pois a festa começava em casa [...] Em vários anos não deixei de dar a minha ajuda voluntária para preparar doces e as famosas quitandinhas para cartuxos [...] Que Deus e São Pedro continuem abençoando esta comunidade e que este distrito continue sempre em progresso!!! (DOROTY FRANCO *apud* FRANCO, 2008, p.1).

Não obstante, toda essa trabalhadeira trazia, algumas vezes, duradouras gratificações: “O que mais marcou em minha vida, foi a primeira vez que vim em uma festa aqui em São Pedro. Eu tinha 11 anos e conheci um moço chamado Geraldo e começamos a namorar. Casei-me aos 16 anos e sou muito feliz com ele” (MARIA DO CARMO FRANCO *apud* FRANCO, 2008, p. 3).

Um desafio particularmente difícil de ser enfrentado foi a construção da rede de abastecimento, trabalho organizado por uma comissão de moradores, presidida pelo mesmo Oscar José Franco que ajudara na construção da Igreja. A água provinha das cabeceiras do Córrego da Cabaça, da propriedade de Virgílio e de Zequinha Maximiano (FRANCO, 2007). Mas também as casas precisavam ser construídas nas redondezas: “[...] muitas foram as pessoas que trabalharam [...] arrancando e puxando pedras para os alicerces das construções, em olarias fazendo tijolos e telhas para a igreja e as casas; nas matas da redondeza, derrubando e preparando as madeiras” (Informativo da Escola Estadual José Franco, 1995, p. 2). Dessa forma, “foram estaladas olarias, engenhos de serra e cerâmica de telhas [...]” (Ibidem).

Outro dilema foi a ereção da escola local, inicialmente um simples “barracão de madeira e sapé, [edificado] na praça da Vila”. Denominada “Escola Nossa Senhora Aparecida”, era uma instituição particular de ensino, que em sua primeira turma contou com 14 alunos matriculados. Em 1946, foi edificado um novo prédio, de alvenaria e, em 1950, a Escola foi municipalizada, com contratação de novos professores. Em 1955, integrou-se à Secretaria Estadual de Educação de Minas Geral, sob o nome de Escolas Combinadas de São Pedro de Caldas (Informativo da Escola Estadual José Franco, 1995).

## Conclusão

Cidades, povoados, distritos, os mais diversos aglomerados sociais, por menores que sejam, podem ser metaforicamente entendidos como um corpo, desde que seus moradores entabulem com o local, relações identitárias de enraizamento: “fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva” (ROLNIK, 1995, p.7-8). Nesta condição, o urbano pode, sim, ser pensado como um corpo em constante reelaboração e reciprocidade com seus habitantes e visitantes: “Assim funciona a cidade-conceito: Lugar de transformação e apropriações, objeto de intervenções mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade” (CERTEAU, 2008, p.174).

Tais instâncias cidadinas, em sua corporeidade sócio-simbólica, também podem vir a comportar uma dimensão escrita, como é o caso deste presente trabalho:

É evidente o paralelismo que existe entre a possibilidade de empilhar tijolos, definindo formas geométricas, e agrupar letras, formando palavras para representar sons e ideias. Desse modo, construir cidades significa também uma forma de escrita. Na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo (ROLNIK, 1995, p.15-16).

Assim, escrever sobre o distrito de São Pedro de Caldas como um corpo, em encontros e passagens, implica que também eu me perceba num singular enraizamento com o lugar – não de completa identificação, nem de total distanciamento, mas sobretudo de reconhecer sua importância para tantos sujeitos e de me comprometer, com eles e com essa memória, hoje e no futuro.

## Referências:

*Fontes memorialísticas:*

FRANCO, Oswaldo Borges. *Algumas Memórias de São Pedro de Caldas*. São Pedro de Caldas, 12 out. 2007. Mimeo.

\_\_\_\_\_. *Mais Algumas Memórias de São Pedro-igrejinha (alto) do buracão*. São Pedro de Caldas, 10 nov. 2007b. Mimeo.

FRANCO, Iramir Borges. *As tradicionais Festas de São Pedro*. São Pedro de Caldas, Out. 2008. Mimeo.

*Informativos e impressos:*

*A Comarca* [Jornal circulante no município de Caldas]. Caldas, Ano VII, n. 79, mar. 1978.

*Informativo da Escola Estadual José Franco*. Edição Especial. São Pedro de Caldas, 31 out. 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Populacional 2010*. 29 de novembro de 2010.

*Projeto pedagógico GDP – Patrimônio, elaborado por professores e alunos da Escola Estadual José Franco*. São Pedro de Caldas, nov. 2008.

*Livros:*

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 14<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WEIL, Simone. *O enraizamento: prelúdio para uma declaração dos deveres para com o ser humano*. Bauru: EDUSC, 2008.